

A CRISE DA ATUALIDADE E O CONHECIMENTO GEOGRÁFICO: UMA DISCUSSÃO EPISTEMOLÓGICA

Aluno: Carlos Laete Rodrigues Pascoal
Orientador: César Alvarez Campos Oliveira

Introdução

Ainda que distintas e facilmente perceptíveis sejam as questões e as problemáticas socioambientais – como o aquecimento global e o aumento da desigualdade e da fome – agravadas no mundo todo pela propagação da lógica capitalista de produção das espacialidades, faz-se perceptível uma falta de ideologias e práticas alternativas em todos os contextos, de modo que, as soluções apresentadas, em geral, constituem-se com simples remediações, respostas parciais e limitadas para problemáticas apreendidas de modo estanque, não apresentando críticas estruturais ao modelo como um todo, mas combatendo apenas alguns de seus aspectos.

Pois o capitalismo, enquanto modelo de (re)produção das sócio-espacialidades, ainda que tenha sido enriquecedor para a humanidade, nos libertando das amarras do feudalismo e enobrecendo as individualidades, segue por rumos errados, e ainda que tenham falido, ou estejam em processo de extinção, os modelos que buscaram uma alternativa ao modelo capitalista, e ainda que este pareça prosperar, deve ser questionado, na medida em que suas práticas são responsáveis pela propagação de uma infinidade de agravantes sócio-espaciais.

No entanto, ao contrário do que alguns possam pensar, mais do que alterar o padrão de produção, mais do que questões simplesmente econômicas e financeiras, a questão que aqui se coloca refere-se a uma mudança ainda mais estrutural. Trata-se de uma mudança nos paradigmas de entendimento da realidade-mundo, de uma mudança na forma como os seres humanos relacionam-se, entre si e com a natureza, e, desta forma, de uma mudança no entendimento dos indivíduos a respeito do sentido da vida.

Objetivos

Deste modo, o presente artigo busca refletir a respeito de outra perspectiva para a Geografia enquanto ciência e para a Geografia que se ensina na escola, que leve em consideração as novas conjunturas que se apresentam, e que apontam para a necessidade de se realizar uma mudança profunda na forma como o ser humano vem escrevendo sua história.

Neste sentido, busca-se refletir sobre a epistemologia do conhecimento geográfico, no intuito de se delinear uma nova sistematização teórica, que a partir de outro paradigma, forneça a todos, profissionais da área e sociedade, de um modo geral, ferramentas para uma melhor apreensão da realidade e para melhor agir nesta realidade.

Metodologia

Segundo Morin [1], “... a completude, a totalidade jamais poderá ser apreendida”, fato que, no entanto, não mais deve representar um problema para a ciência. De acordo com estes pressupostos, o todo deve ser apreendido ao mesmo tempo enquanto mais e menos que a soma das partes; de modo que, faz-se necessário o entendimento de que o todo nada mais é que um contínuo vir a ser, onde para cada novo momento e para cada observador, a totalidade inicialmente apreendida irá constituir-se como um novo todo [1].

Pois, ainda de acordo com o autor supracitado, no desenvolvimento da humanidade em seus múltiplos aspectos, tornou-se predominante o que ele chama de paradigma da simplificação, o qual seria baseado em três princípios básicos: o princípio da separação, o princípio da ordem e o princípio da lógica [1].

Neste sentido, configurando-se sob a forma de um novo paradigma, a teoria da complexidade questiona a certeza dos resultados, a separação e a fragmentação dos conceitos e conteúdos, bem como o fechamento de teorias igualmente desconexas, descontextualizadas e inquestionáveis. Para essa nova forma de entendimento no universo, ordem e desordem, determinado e indeterminado se entrelaçam em uma relação que, por ser dialética, é complexa.

É por meio desta sistematização teórica que Milton Santos chega à concepção e ao entendimento de que "cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente" [2]. É no lugar que a cultura vai ganhar sua dimensão simbólica e material, combinando matrizes globais, nacionais, regionais e locais.

Assim, a partir deste entendimento, a compreensão do espaço geográfico perpassa pelas categorias de totalidade/totalização, em um processo dialógico onde a totalidade deve ser entendida como a realidade em sua integridade, o conjunto de todas as coisas e homens, a totalidade de todas as relações, que, portanto, encontra-se em movimento no processo histórico de totalização.

Conclusões Preliminares

Sendo assim, compreender o espaço a partir dessas perspectivas exige, dentre diversas outras questões, compreender a impossibilidade de apreender a realidade em sua totalidade, porém colocar-se diante de um grande desafio, de ainda assim, ter o compromisso de buscar entender o espaço geográfico em sua totalidade.

Deste modo, tal fato configura um papel diferenciado à Geografia, enquanto ciência e a Geografia que se ensina em sala de aula, uma vez que, enquanto área do conhecimento incumbida do entendimento do espaço geográfico, a esta última cabe a complexa tarefa de prover aos indivíduos na escola de um conjunto de habilidades e competências que os capacitem a compreender a realidade que o cerca em sua dimensão espacial – tanto física quanto humana – e no contexto de suas transformações, velocidade e complexidade, posto ser esta a contribuição específica da Geografia em qualquer instância, seja relacionada à pesquisa, ao ensino ou à própria vida: compreender o espaço geográfico (PCN, 2001).

Referências

- 1 - MORIN, Edgar. Por uma reforma do pensamento. IN: PENA-VEJA, Alfredo e ALMEIDA, Elimar Pinheiro (Org). **O pensar complexo: Edgar Morin e a crise da modernidade**. Rio de Janeiro. Garamond.1999. p 21 – 35.
- 2 - PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. Ministério da Educação. Brasília, 3.ed., 2001.
- 3 - SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. Ed. 2º reimpr. - São Paulo: Editora EDUSP. 2006. 384 p.
- 4 - SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: EDUSP, 2005. 170 p.
- 5 - SOUZA, Marcelo José Lopes de. **A teorização sobre o desenvolvimento em uma época de fadiga teórica, ou sobre a necessidade de uma “teoria aberta” do desenvolvimento sócio-espacial**. Território, Laget/UFRJ. Relume/Dumará, n. 1, vol. 1, p. 5-22. dez 1996.